



# LÍNGUA PORTUGUESA

## 1º BIMESTRE 7º ANO

ESCOLA: \_\_\_\_\_

ALUNO: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

2011

Secretaria Municipal de Educação

Coordenadoria de Educação

Coordenadoria de  
Educação

Língua portuguesa – 7º ANO  
1º BIMESTRE 2011



quebarato.com.br

ohfreakout.wordpress.com



jairomedeiros2.blogspot.com

**EDUARDO PAES**  
PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

**CLAUDIA COSTIN**  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

**REGINA HELENA DINIZ BOMENY**  
SUBSECRETARIA DE ENSINO

**MARIA DE NAZARETH MACHADO DE BARROS VASCONCELLOS**  
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

**MARIA DE FÁTIMA CUNHA**  
**MARIA SOCORRO RAMOS DE SOUZA**  
COORDENADORIA TÉCNICA

**MARIA TERESA TEDESCO**  
CONSULTORIA

**SUSAN ROCHA SILVA**  
ELABORAÇÃO

**LEILA CUNHA DE OLIVEIRA**  
**MARIA ALICE OLIVEIRA DA SILVA**  
**SIMONE CARDOZO VITAL DA SILVA**  
REVISÃO

**CARLA DA ROCHA FARIA**  
**LETICIA CARVALHO MONTEIRO**  
**MARIA PAULA SANTOS DE OLIVEIRA**  
DIAGRAMAÇÃO

**BEATRIZ ALVES DOS SANTOS**  
**MARIA DE FÁTIMA CUNHA**  
DESIGN GRÁFICO

**Prezado/a Estudante,**

É com muita satisfação que apresentamos seu primeiro material pedagógico/ 2011 para o estudo em Língua Portuguesa.

Nele você encontrará, no mundo da linguagem coloquial, as variantes linguísticas e as divertidas histórias de pontuação.

Você sabe o que são variantes linguísticas?

São as diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza histórica, regional, social ou situacional. Exemplo: “Valeu, amigo!”. Esta expressão significa, em outras palavras, “Muito obrigado”.

Estaremos, juntos, estudando a organização de informações no texto e seus recursos estilísticos. Sua participação é fundamental. Leia atentamente os textos, desenvolva os exercícios e realize suas produções textuais. Assim, você terá a oportunidade de ampliar seus conhecimentos.

Bom estudo!

***Susan Rocha Silva***



## Embarque no mundo das linguagens

Nesta primeira parte, você está convidado a embarcar no mundo da linguagem, através das **variantes linguísticas**.

Neste universo, você terá a oportunidade de conhecer a língua como é falada, sob os diferentes sotaques, nas regiões brasileiras, além de se aventurar no mundo da pontuação. Toda esta aventura partirá sempre de muitos textos verbais e não verbais.

Vamos conhecer as diferentes formas possíveis, na nossa língua, das variantes linguísticas. Iniciaremos com a apresentação do texto “Declaração para meus amigos”, que usa, como referência, o personagem de Monteiro Lobato, Jeca Tatu.

Criado na obra *Urupês* (1924), Jeca Tatu é um dos personagens mais populares da obra de Monteiro Lobato. Com seu jeito caipira, de barba rala e calcanhares rachados, por não usar sapatos, ganhou destaque em 14 histórias. Simboliza a situação do caboclo brasileiro, abandonado às doenças e representa os trabalhadores rurais.

Lançado em 1924, Jeca Tatu veio ensinar noções de higiene e saneamento às crianças, por meio do personagem-símbolo criado por Monteiro Lobato.

## Declaração para os meus amigos

Ces são o colírio do meu ôiu.  
São o chiclete garrado na minha carça dins.  
São a maionese do meu pão.  
O limão da minha caipirinha.  
O rechei do meu biscoito.  
A masstumate do meu macarrão.  
A pincumel do meu buteco.

Nossinhoral  
Gosto dimais da conta docêis, uai.

Ces são tamém:  
O videperfume da minha pintiadêra.  
O dentifriço da minha iscovdidente.

Ôiproceisvê,  
quem tem amigos assim, tem um tisôru!

Eu guárdesse tisouro, com todo carinho,  
Do lado esquerdupeito!!!  
Dentro do meu coração!!!

AMOOCÊIS PADANÁ!!!  
Bejim e inté.



1. Com relação ao texto que você acabou de ler, o que você percebeu de diferente na forma de organizar os versos?

---



---



---



---

2. Volte à 2ª estrofe e analise a forma como as palavras estão escritas:

“Nossinhoral. Gosto dimais da conta docêis, uai.”

---



---



---



---

3. Sublinhe algumas palavras, no poema, que são diferentes das palavras usadas no seu dia a dia.

---



---

Essa é uma forma diferente de falar. É utilizada pelas pessoas do interior, os chamados “matutos”.

Você sabe o que são versos? São linhas, que reunidas, compõem as estrofes do poema.

## Variante regional

Num país como o nosso, grande em sua extensão, com várias regiões, temos várias formas de falar a nossa língua.

A esses diferentes falares chamamos de variantes regionais. Por isso, temos o falar carioca, o mineiro, o paulista, o nordestino, o gaúcho.

É fácil identificarmos essa variante pelo som e pelo timbre, pela intensidade da palavra ou da frase. Podemos citar, como exemplo, vários versos do texto anterior, entre eles, “*Benjin*” e “*inté*”.

Neste verso, o personagem se despede, dizendo “beijinhos e até logo”. Observe que houve uma redução da palavra beijinho para “beijin”. Preste atenção, porque nós, também, pronunciamos muito próximo dessa forma, quando utilizamos a expressão na nossa fala cotidiana.

Você deve ter observado que o texto busca expressar, na escrita, uma forma de falar coloquial, ou seja, uma **variante linguística regional**.

No primeiro verso do poema, “*Ces são o colírio do meu ôiu.*”, percebemos que o vocábulo vocês foi substituído por “ces” e olho foi substituído por “ôiu”.

Você já percebeu que cada pessoa ou grupo de pessoas pode falar de forma diferente as mesmas palavras, expressões, frases?



## Exemplos de variantes regionais

Veja os exemplos retirados do texto:

- a) “A pincumel do meu buteco.” (A pinga de mel do meu boteco.)
- b) “O videperfume da minha pintiadêra.” (O vidro de perfume da minha penteadeira.)

No nosso dia a dia, usamos palavras ou expressões que pertencem ao vocabulário próprio do nosso grupo.

Leia estes outros exemplos:

- a) “Você é um tremendo vacilão.”
- b) “Cadê minha muié?”
- c) “Tô bem na fita.”
- d) “Mano.”
- e) “Deletei essa ideia.”

1. Você consegue identificar a que grupo social as palavras do texto “Declaração para os meus amigos” pertencem?

---

2. Os exemplos acima identificam que grupo social? Identifique os grupos que você souber. Procure discutir com seus colegas sobre aquelas palavras e expressões que você não conhece. A seguir, procure outras palavras que são faladas no seu dia a dia.

---

---

---

## Lendo o texto...

Já sabemos que o personagem criado por Monteiro Lobato, Jeca Tatu, possui uma fala característica do interior (variante regional) e que enfatiza a forma coloquial (variante utilizada de acordo com cada situação. Por exemplo: em casa, com a nossa família, falamos de uma forma diferente da que usamos com nossos diretores e professores). A forma escrita do texto “Declaração para os meus amigos” procurou representar a forma coloquial.

1. Releia o poema e faça as atividades propostas.

a) No verso “Ces são o colírio do meu ôiu.”, **ces** é forma de falar o pronome **vocês**. A quem esse pronome se refere no texto?

A expressão “**cês**” se refere aos amigos.

b) Pelo título, entendemos que o eu poético do poema faz uma declaração aos **seus** amigos. Destaque versos que confirmem isso.

O verso 14 “**quem tem amigos assim, tem um tisôru!**”

2. Leia os versos abaixo:

“Do lado esquerdupeito!!!  
Dentro do meu coração!!!”

a) Qual é o efeito de sentido da repetição da exclamação?

Enfatizar , reforçar o sentimento da amizade.

b) Por que o autor escreveu a palavra “esquerdupeito” sem separá-las?

Além de demonstrar a forma da fala regional, reforça mais uma vez, a importância da amizade.

3. Leia os versos da letra da música da canção do mineiro Milton Nascimento:

*“Amigo é coisa pra se guardar  
Debaixo de sete chaves  
Dentro do coração  
(...)  
“Amigo é coisa pra se guardar  
No lado esquerdo do peito”.*



4. Agora, responda às questões:

a) Qual a relação desses versos com o poema “Declaração para os meus amigos”? Transcreva os versos significativos.

---

---

b) Selecione uma estrofe do poema e transcreva-a, utilizando a variante culta da língua.

---

---

c) Qual o sentido da expressão destacada no verso “Gosto dimais da conta docês, uai”?

---

---

## Um “caso” mineiro, só para você gostar de ler.

### O caso da mula morta

Dois mineiros, das Minas Gerais mesmo, encontraram-se na porta do armazém. Um comprara uma mula do outro, no dia anterior, e o que vendera lhe dizia que não podia entregar a mercadoria, porque o bicho tinha morrido.

\_ Morreu é? Intão mi adevorve os cem reá qui paguei, uai!

\_ Mas si já gastei tudim...

\_ Intão mi traz a mula morta mermo, qui eu vô rifá ela.

\_ E quem é o doidipetra qui vai querê compra rifa di mula morta, ômi?

\_ É só num falá qui tá morta, uai!

Outro dia, o que vendeu a mula morta, perguntou para o que tinha ficado de rifar o bicho:

\_ Como foi a rifa, cumpadi?

\_ Foi boa. Vendi quinhentos biêti a 2 reá cada. Faturei 998 reá!

\_ Eita! E ninguém recramô?

\_ Só o ômi qui ganhô.

\_ E o qui ocê feiz?

\_ Devorvi os 2 reá dele, uai!

(História da tradição popular, recontada por Fausto Wolff, Coluna do Fausto, Jornal do Brasil, set. 2007)

1. A expressão “uai” é típica da fala de que região brasileira?

---

2. Você será um dos personagens do texto. Transcreva o diálogo do texto, utilizando o falar carioca. Para fazer este exercício, escolha um colega, para que vocês organizem o diálogo.

## Diferença entre GÍRIAS e EXPRESSÕES DE VARIANTES REGIONAIS

Na página anterior, você leu exemplos que apresentam **gírias** e expressões de **variantes regionais**.

Mas você sabe a diferença entre eles?

**Gíria** é um fenômeno de linguagem especial usada por certos grupos sociais, geralmente os jovens, para designar outras palavras formais da língua.

Por exemplo: “Lá vai aquela mulher perua”, ou seja, em uma linguagem mais formal seria “Lá vai aquela senhora elegante”, “ vaidosa em excesso”.

**Nas variantes regionais**, consideramos os sotaques de cada região.

Exemplo: “Ocê tá bem?” (Você está bem?)

Não podemos considerar como erro o uso da linguagem coloquial, ou seja, da forma como a língua é falada nas situações mais informais do dia a dia.

Uma língua nunca é falada de maneira uniforme pelos seus usuários. Ela está sujeita a muitas variações.

## O modo de falar de uma língua

O modo de falar de uma língua varia:

**1- de época para época:** o português de nossos antepassados é diferente do que falamos hoje.  
Ex.: “bocó”, “jacu” - formas antigas de chamar alguém de bobo.

**2- de região para região:** o carioca, o baiano, o paulista e o gaúcho falam de maneiras nitidamente distintas.

Ex.: “Você é massa” - forma do baiano dizer “você é uma boa pessoa”;

**3- de situação para situação:** cada uma das variantes pode ser falada com mais cuidado e vigilância (a fala formal) e de modo mais espontâneo e menos controlado (a fala informal).

Um professor universitário ou um juiz, por exemplo, falam de um modo na faculdade ou no tribunal e de outro modo numa reunião de amigos, em casa e em outras situações informais.

Há outras variações, como, por exemplo, o modo de falar de grupos profissionais (jargão); a gíria própria de faixas etárias diferentes, a língua escrita e a oral.

## ATENÇÃO!

Usar a língua de modo muito formal, numa situação descontraída de comunicação, é usá-la de modo inadequado; por outro lado, é inadequado em situação formal usar gírias, termos chulos, desrespeitosos.

Para uma boa comunicação, falada ou escrita, deve-se estar atento às normas típicas, à gramática própria de cada situação.

Mas em um bate-papo, usamos expressões que marcam o nosso dia a dia, que repetimos muitas vezes em nossas conversas, em nossas situações de comunicação.

Exemplos:



Como você já aprendeu, essas expressões são chamadas de “gírias”.

Observe, agora, um outro exemplo de variante linguística regional.

Leia o poema abaixo.

### Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

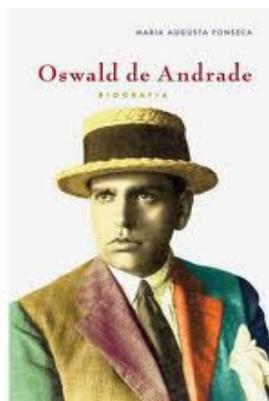
Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados.

ANDRADE, Oswald de. Poesias reunidas. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1971.

Este é um poema do século XX, que trouxe, para a literatura, as diferentes formas de falar brasileiras. Seu autor, Oswald de Andrade, participou do Movimento Modernista brasileiro.



**Sobre o autor** - Oswald de Andrade participou da Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, em 1922. Em 1925, publica o volume de poemas chamado "Pau-Brasil".

### Fique Ligado!

Uma língua possui diversas formas de variação: de pronúncia, de vocabulário. Por exemplo: o aipim, conhecido no Rio de Janeiro, corresponde à macaxeira, nas regiões norte ou nordeste.

As variações não ocorrem somente em regiões diferentes, pois numa determinada região existem também as variações dialetais de idade (etárias), sociais, referentes ao sexo masculino e feminino, bem como as estilísticas.

### Lendo o texto...

Ao ler o poema “Vício na fala”, deparamo-nos com o registro escrito de palavras que espelham a forma de falar de algumas pessoas. Agora, vamos desenvolver os seguintes exercícios:

1. Destaque as palavras que você encontrou no poema que estão escritas de forma diferente da que usualmente encontramos.

---

---

2. Explique o porquê das duas formas possíveis de uma mesma palavra teiado / telhados, nos versos: “Para telhado dizem teiado e vão fazendo telhados.”

---

---

---

---

3. Como você explica a existência destas formas de falar que são trazidas para o poema e o tema do poema?

---

---

4. Que sentido apresenta a palavra “vício”, no título do poema?

---

5. Em “**Para telhado dizem teiado**”, a quem o verso em destaque se refere? Justifique.

---

6. Juntamente com um colega, faça uma entrevista com alguém que tenha nascido em outra região:

- para realizar essa atividade, leia entrevistas em revistas e jornais, observando a estrutura desse tipo de texto e peça ajuda ao seu/sua **PROFESSOR/A**;

- no planejamento de seu trabalho, elabore um questionário que, dentre outras informações, você possa registrar palavras do modo próprio de falar do entrevistado e da região em que ele vive. Imagine que você está entrevistando uma pessoa baiana. Observe as expressões diferentes que você vai descobrir ao longo da entrevista.

Observe que “Vixe!” é uma interjeição de espanto que os baianos utilizam. No Rio Grande do Sul, para a mesma expressão, utiliza-se “Bah!” e, em Minas Gerais, usa-se “Uai!”







Vamos conversar mais um pouquinho sobre poema.

Leia com atenção os textos abaixo.

### Texto 1

#### Poesia

Gastei uma hora pensando um verso  
Que a pena não quer escrever.  
No entanto ele está cá dentro  
Inquieto, vivo.  
Ele está cá dentro  
E não quer sair.  
Mas a poesia deste momento  
Inunda minha vida inteira.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia brasileira.  
Rio de Janeiro: Agir, 1935.

### Texto 2

#### O apanhador de poemas

Um poema sempre me pareceu algo assim como um pássaro engaiolado...E que, para apanhá-lo vivo, era preciso um cuidado infinito. Um poema não se pega a tiro. Nem a laço. Nem a grito. Não, o grito é o que mais o espanta. Um poema, é preciso esperá-lo com paciência. E silenciosamente como um gato. É preciso que lhe armemos ciladas: com rimas, que são o seu alpiste; há poemas que só se deixam apanhar com isto. Outros que só ficam presos atrás das quatorze grades de um soneto. É preciso esperá-lo com assonâncias e aliteraões, para que ele cante. É preciso recebê-lo com ritmo, para que ele comece a dançar. E há poemas livres, imprevisíveis. Para esses é preciso inventar, na hora, armadilhas imprevistas.

QUINTANA. Mario. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Apesar de suas semelhanças, vale ressaltar que há diferença entre poema e prosa.  
Vamos ver mais sobre o assunto?

## Você sabe a diferença entre poema e prosa?

O poema destaca-se imediatamente pelo modo como se dispõe na página. Cada verso tem um ritmo específico e ocupa uma linha.

O conjunto de versos forma uma estrofe e a rima pode surgir no interior dessa estrofe.

A organização do poema em versos pode ser considerada o traço distintivo mais claro entre o poema e a prosa (que é escrita em linhas contínuas, ininterruptas).

O texto 1, “Poesia”, foi organizado em uma estrofe com oito versos.

O texto 2, “O apanhador de poemas”, foi organizado em um parágrafo, com vários períodos.

Ambos têm poesia, ou seja, tocam a sensibilidade e sugerem emoções por meio de uma linguagem poética.

Caetano Veloso, um dos maiores poetas da nossa música popular, disse, em uma de suas canções, que “a poesia está para a prosa, assim como o amor está para a amizade”.

Vamos ver se você entendeu.

Há dois textos em estudo.

1. O texto 1, POESIA, é um

---

2. O texto 2, O APANHADOR DE POEMAS, deve ser considerado como \_\_\_\_\_



## VARIANTES LINGUÍSTICAS SOCIAIS

Vimos, até aqui, alguns exemplos de textos com variantes linguísticas regionais. Mas sabemos que, além das variantes linguísticas regionais, há, também, as sociais, as de tempo e as de registro.

Vamos, agora, conhecer um pouco as **variantes sociais**:

O português empregado pelas pessoas que têm acesso à escola é diferente do empregado pelas pessoas que não tiveram a mesma oportunidade. Talvez por isso, essas pessoas, em suas situações de comunicação, apresentem dificuldades de expressão e produzam o que se considera errado em relação ao uso da norma culta.

A variação da natureza social costuma apresentar diferenças significativas em termos fonológicos, ou seja, combinação dos sons da palavra (“craro” por “claro”, “muié” por “mulher” etc.) e morfossintáticos (“nós fumo” por “nós fomos”, “os menino” por “os meninos” etc.), ou seja, das relações na ordem das palavras, bem como na combinação entre elas.

São essas, na verdade, as diferenças linguísticas que costumam entrar em conflito com a norma culta oral e com a norma culta escrita.

Para a compreensão dos fenômenos associados à variação linguística, o espaço urbano ou rural em que as variedades são faladas, também, contribuem para as variantes sociais.

### E por falar em variantes sociais...

Usamos, no dia a dia, a linguagem coloquial (informal), num bate-papo, num e-mail, num bilhete...

Vejamos:

#### Texto 1



## Texto 2



Após ler os textos 1 e 2, você percebeu que, embora o traço de humor esteja presente em ambos, cada texto apresenta uma forma particular da fala. No texto 1, por exemplo, há uma conversa entre dois personagens de regiões diferentes: um gaúcho e um mineiro. No texto 2, os personagens discutem os erros da fala.

1. Destaque, do texto 1, expressões que caracterizam a fala de cada personagem.

---



---

2. Explique o efeito de sentido da pontuação na expressão “**só eu!?**” na fala do gaúcho no segundo quadrinho.

---

3. O que quer dizer a expressão “**E Dalí, guri!**”.

---

4. Volte ao segundo quadrinho: “Eita! Tinha esquecido que o senhô fala dum jeito estranho!” . Escreva esta frase de uma outra forma, sem alterar o seu sentido.

---

5. No texto 2, destaque as palavras que não estão escritas de acordo com a norma padrão.

---

6. Comparando os textos, percebemos que

a) na fala dos personagens do texto 1, temos um caso de variante linguística

---

b) na fala do personagem do texto 2, há um exemplo de variante linguística

---

## VARIANTES LINGUÍSTICAS DE TEMPO

Vamos estudar agora uma outra variante linguística, a de **tempo**.

Essa variante é identificada por períodos de tempo. A língua é viva. Ela muda, altera-se com o passar do tempo. Muda-se a forma de falar, as palavras mudam e a grafia também. Esse processo de mudança é gradual e ocorre de geração para geração.

Vamos ler, a seguir, textos que tematizam essa questão.

Os dois textos são de Carlos Drummond de Andrade. Neles, o escritor brinca com as palavras, mostrando suas mudanças com o passar do tempo.

### Texto 1

#### Antigamente

Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e prendadas. Não faziam anos; completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. (...) Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano; os quais, de pouco siso, se metiam em camisas de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'agua.

(continua)

Havia os que tomaram chá em criança, e, ao visitarem família da maior consideração, sabiam cuspir dentro da escarradeira. Se mandavam seus respeitos a alguém, o portador garantia-lhes: “Farei presente.” Outros, ao cruzarem com um sacerdote, tiravam o chapéu, exclamando: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”, ao que o Reverendíssimo correspondia: “Para sempre seja louvado.” E os eruditos, se alguém espirrava — sinal de defluxo — eram impelidos a exortar: “*Dominus tecum*”. Embora sem saber da missa a metade, os presunçosos queriam ensinar padre-nosso ao vigário, e com isso metiam a mão em cumbuca. Era natural que com eles se perdesse a tramontana. A pessoa cheia de melindres ficava sentida com a desfeita que lhe faziam, quando, por exemplo, insinuavam que seu filho era artioso. Verdade seja que às vezes os meninos eram mesmo encapetados; chegavam a pitar escondido, atrás da igreja. As meninas, não: verdadeiros cromos, umas teteias.

Antigamente, certos tipos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegados com a boca na botija, contavam tudo tintim por tintim e iam comer o pão que o diabo amassou, lá onde Judas perdeu as botas. Uns raros amarravam cachorro com lingüiça. E alguns ouviam cantar o galo, mas não sabiam onde. As famílias faziam sortimento na venda, tinham conta no carnicheiro e arrematavam qualquer quitanda que passasse à porta, desde que o moleque do tabuleiro, quase sempre um cabrito, não tivesse catinga. Acolhiam com satisfação a visita do cometa, que, andando por ceca e meca, trazia novidades de baixo, ou seja, da Corte do Rio de Janeiro. Ele vinha dar dois dedos de prosa e deixar de presente ao dono da casa um canivete roscofe. As donzelas punham carmim e chegavam à sacada para vê-lo apear do macho faceiro. Infelizmente, alguns eram mais do que velhacos: eram grandessíssimos tratantes.

(continua)

Acontecia de o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtysica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, asthma os gatos, os homens portavam ceroulas, botinas e capa-de-goma, a casimira tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas retratistas, e os cristãos não morriam:descansavam.

Mas tudo isso era antigamente, isto é, outrora.

Carlos Drummond de Andrade



Carlos Drummond de Andrade (foto)

In *Quadrante* (1962), obra coletiva.  
Reproduzida em *Caminhos de João Brandão* José Olympio, 1970.

## Lendo o texto...

Você observou que o texto 1, de Carlos Drummond de Andrade, tem como tema o relato do cotidiano das pessoas de uma outra época.

1. Que variante linguística apresenta essas características?

\_\_\_\_\_

2. Destaque do texto 1 um trecho que exemplifique a variante linguística de tempo.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Escreva o que você entende pelas expressões abaixo.

a) “arrastando a asa” – \_\_\_\_\_

b) “levavam tábua” – \_\_\_\_\_

c) “tirar o cavalo da chuva” - \_\_\_\_\_

d) “pregar em outra freguesia” – \_\_\_\_\_

e) “meninos encapetados” – \_\_\_\_\_

f) “as meninas, umas tetéias” – \_\_\_\_\_

g) “dar dois dedos de prosa” – \_\_\_\_\_

h) “apanhar constipação” – \_\_\_\_\_

i) “ os homens portavam ceroulas” – \_\_\_\_\_

## Texto 2

Leia o segundo texto de Carlos Drummond de Andrade, que aborda o mesmo tema, relativo aos dias atuais.

### Entre Palavras

Entre coisas e palavras – principalmente entre palavras – circulamos. A maioria delas não figura nos dicionários de há trinta anos, ou figura com outras acepções. A todo momento impõe-se tomar conhecimento de novas palavras e combinações.

Você que me lê, preste atenção. Não deixe passar nenhuma palavra ou locução atual, pelo seu ouvido, sem registrá-la. Amanhã, pode precisar dela. E cuidado ao conversar com seu avô; talvez ele não entenda o que você diz.

O malote, o cassete, o spray, o fuscão, o copião, a Vemaguet, a chacrete, o linóleo, o nylon, o nycron, o ditafone, a informática, a dublagem, o sinteco, o telex... Existiam em 1940?

Ponha **ai** o computador, os anticoncepcionais, os mísseis, a motoneta, a Velo-Solex, o biquíni, o módulo lunar, o antibiótico, o enfarte, a acupuntura, a biônica, o acrílico, o tá legal, o apartheid, o som pop, a arte pop, as estruturas e a infra-estrutura

Não esqueça também (seria imperdoável) o Terceiro Mundo, a descapitalização, o desenvolvimento, o unissex, o bandeirinha, o mass media, o lbope, a renda per capita, a mixagem.

Só? Não. Tem seu lugar ao sol a metalinguagem, o servomecanismo, as algias, a Coca-Cola, o superego, a Futurologia, a homeostasia, a Adecif, a Transamazônica, a Sudene, o Incra, a Unesco, o Isop, a OEA, e a ONU.

(continua)

Estão reclamando, porque não citei a conotação, o conglomerado, a diagramação, o ideograma, o idioleto, o ICM, a IBM, o “falou”, as operações triangulares, o zoom e a guitarra elétrica. Olhe aí na fila – quem? Embreagem, defasagem, barra tensora, vela de ignição, engarrafamento, Detran, poliéster, filhotes de bonificação, letra imobiliária, conservacionismo, **carnet** da girafa, poluição.

Fundos de investimento, e daí? Também os de incentivos fiscais. **Know-how**. Barbeador elétrico de noventa microrranhuras. Fenolite Baquelite, LP e compacto. Alimentos super congelados. Viagens pelo crediário, Circuito fechado de TV Rodoviária. Argh! Pow! Click.

Não havia nada disso no jornal do tempo de Venceslau Brás, ou mesmo de Washington Luis. Algumas coisas começam a aparecer sob Getúlio Vargas. Hoje estão ali na esquina, para consumo geral. A enumeração caótica não é uma invenção crítica de Leo Spitzer. Está aí, na vida de todos os dias. Entre palavras circulamos, vivemos, morremos, e palavras somos, finalmente, mas com que significado?

(Carlos Drummond de Andrade, Poesia e prosa, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988)

Glossário:

Venceslau Brás – Presidente da República no período de 1914 a 1918.

Washington Luis - Presidente da República no período de 1926 a 1930.

## Lendo o texto...

1. Os textos apresentam o mesmo tema, ou seja, o mesmo assunto, mas em diferentes épocas. Justifique essa afirmativa, copiando um trecho do texto 2.

---

---

---

2. Voltemos à primeira linha do primeiro parágrafo: “Entre coisas e palavras – principalmente entre palavras – circulamos.” O que você percebe nessa afirmativa? Justifique.

---

---

3. No segundo parágrafo: “**E cuidado ao conversar com seu avô; talvez ele não entenda o que você diz.**” Por que o **cuidado**?

---

---

4. Na frase: “Fundos de investimento, **e daí?**”, qual o significado da expressão em negrito?

---

---

5. Qual o sentido de efeito das palavras “Argh! Pow! Click!”, no texto 2?

---

---

6. Diga o que você entendeu a respeito do que está no último parágrafo: “**Não havia nada disso no jornal do tempo de Venceslau Brás, ou mesmo de Washington Luis.**”

---

---

## Vamos ler mais dois textos.

Observe que, no texto 1, a linguagem está de acordo com os atuais padrões gramaticais. No texto 2, estão presentes padrões do português arcaico.

### TEXTO 1

#### Soneto da Separação

De repente do riso fez-se o pranto  
Silencioso e branco como a bruma  
E das bocas unidas fez-se a espuma  
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento  
Que dos olhos desfez a última chama  
E da paixão fez-se o pressentimento  
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente  
Fez-se de triste o que se fez amante  
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante  
Fez-se da vida uma aventura errante  
De repente, não mais que de repente.

( [Vinicius de Moraes](#), Poesia Completa e Prosa. J. Aguilar, 1976)

Glossário: arcaico – muito antigo.

### TEXTO 2

#### Cantiga sua, partindo-se

Senhora, partem tam tristes  
meus olhos por vós, meu bem,  
que nunca tam tristes vistes  
outros nenhuns por ninguém.

Tam tristes, tam saudosos,  
tam doentes da partida,  
tam cansados, tam chorosos,  
da morte mais desejosos  
cem mil vezes que da vida.  
Partem tam tristes os tristes,  
tam fora d'esperar bem,  
que nunca tam tristes vistes  
outros nenhuns por ninguém.

**João Ruiz de Castelo Branco**, *Cancioneiro Geral*.  
Século XVI.

Português arcaico - fase da língua que se inicia na época dos primeiros documentos escritos em língua portuguesa (início do século XIII) e termina em meados do século XVI.

## Lendo o texto...

1. Compare os textos e identifique-os de acordo com as variantes já estudadas.

a) O texto 1 apresenta um poema de Vinícius de Moraes. De que assunto trata o poema?

---

---

b) Explique o que entendeu do primeiro verso: “ De repente do riso fez-se o pranto”

---

---

c) A cada estrofe, há a repetição da palavra “de repente”. Considerando o tema do poema, por que a repetição?

---

---

d) No poema de Vinícius, aparecem as palavras “pranto”, “bruma” e “errante”. Pesquise no dicionário o significado de cada uma delas e escreva abaixo.

---

---

---

---

- e) Ao comparar os dois poemas, percebemos que ambos os títulos apresentam o mesmo assunto: o rompimento, a separação. Retire, do texto 2, um verso que confirme o que estamos dizendo.

---

---

---

---

- f) Repare a estrutura do Soneto da Separação. Como se estruturam as estrofes?

---

---

- g) Pesquise, entre os autores brasileiros e portugueses, um soneto, e traga-o para ser lido em sala de aula.

- h) Releia os versos da primeira estrofe do texto 2:

*“Senhora, partem tam tristes  
meus olhos por vós, meu bem,  
que nunca tam tristes vistes  
outros nenhuns por ninguém.”*

Observe que, nesta estrofe, há palavras diferentes das que usamos nos dias atuais. Sabemos que esta forma de escrita está em consonância com os padrões do português arcaico. Retire essas palavras da 1ª estrofe do texto 2 e escreva-as aqui:

---

---

---

## Mais um texto...

Vamos entrar no mundo da pontuação. Peça sempre ajuda ao seu/sua **PROFESSOR/A** e... estude bastante!

### Texto 1

Um homem rico, sentindo-se morrer, pediu papel e pena, e escreveu assim:

"Deixo os meus bens à minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada aos pobres".

Não teve tempo de pontuar – - e morreu. A quem deixava ele a fortuna que tinha? Eram quatro os concorrentes. Chegou o sobrinho e fez estas pontuações numa cópia do bilhete:

"Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres".

A irmã do morto chegou em seguida, com outra cópia do escrito, e pontuou-o deste modo:

"Deixo os meus bens à minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres".

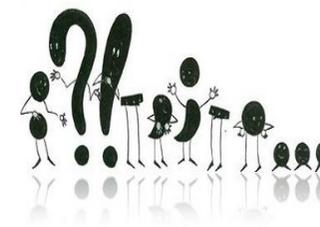
Surgiu o alfaiate que, pedindo cópia do original, fez estas pontuações:

"Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres".

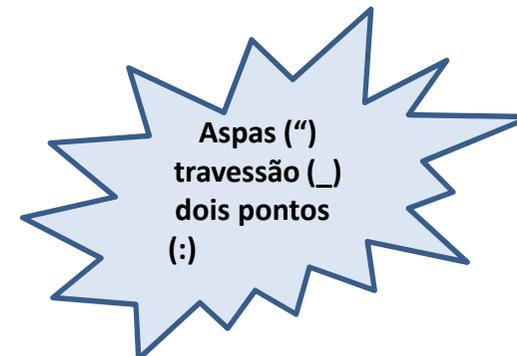
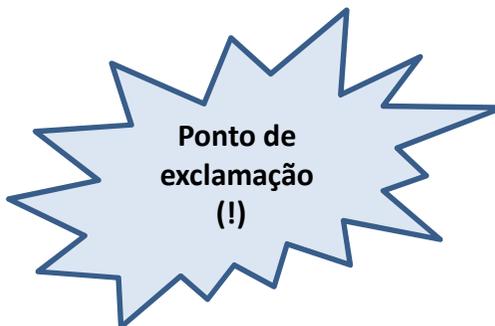
O juiz estudava o caso, quando chegaram os pobres da cidade, e um deles, mais sabido, tomando outra cópia, pontuou-a assim:

"Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do alfaiate? Nada! Aos pobres"

Assim é a vida: somos nós que colocamos os pontos, e isso faz a diferença.



## Sinais de Pontuação



Esses são alguns dos sinais de pontuação. Os sinais de pontuação não são meras marcas separadoras de partes do texto ou sinais de pausa que auxiliam a entonação e a leitura expressiva. A pontuação tem motivação sintática e valor expressivo, contribuindo para a construção dos sentidos do texto.

Para melhor entender isso, releia este trecho do texto da página anterior:

*"Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres".*

Entendemos, com esta pontuação, que a herança ficará com o sobrinho e não com a irmã. Ao alterar a pontuação dessa mesma frase, a compreensão será outra:

*"Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres".*

A herança não irá mais para o sobrinho. Seu destino, agora, é pagar a conta do alfaiate

Viu como a pontuação é importante?

**A pontuação também está presente no mundo da linguagem digital.**

**Você a utiliza nos *e-mails*, nos blogs, nas mensagens por celular...  
Vamos continuar nossa leitura.**

### O coloquial digital

“(...) uma coisa que me deixa perturbado é a linguagem adolescente digital, essa que se usa hoje em dia em mensagens instantâneas por celular ou no computador. Ela tem lá os seus atrativos, em custo e tempo. Mas será que as crianças estão desaprendendo a língua portuguesa?”

A receita parece ser mais ou menos assim: primeiro acabamos com os acentos. (...) não vira naum, é vira eh e assim por diante. Aí, eliminam-se os hífen e algumas vogais e consoantes que estão mesmo sobrando – você vira vc, que vira q. Para terminar, reescrevemos algumas palavras de acordo com seus sons “falados”, economizando mais algumas letras – achei vira axei, aquilo vira akilo, mesa vira meza, almoço vira aumosso. E pronto. Está criada a linguagem adolescente digital.”

(Escrito por Fabio Tangnin – 16/08/2007. Postado no seu “Blog da semana”. Disponível na internet.)

1. O que você entende por linguagem adolescente digital?

---



---

2. Qual o efeito de sentido do uso de reticências no início do texto?

---



---

3. O que incomoda o autor?

---



4. O autor afirma que a linguagem adolescente digital “tem lá os seus atrativos, em custo e tempo”. Esta afirmação deve ser considerada um fato ou uma opinião? Justifique.

---

---

---

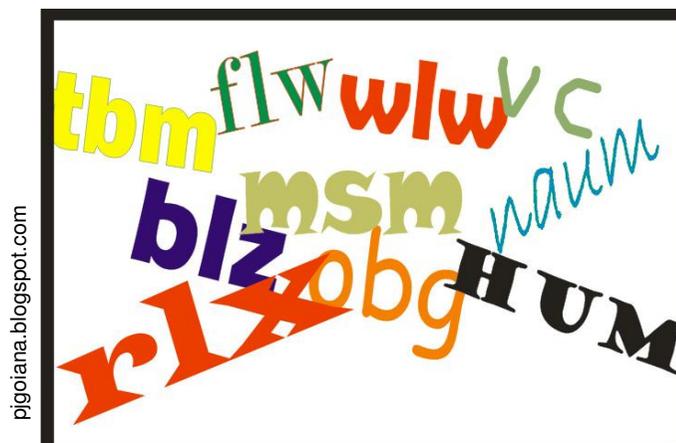
5. Por que o autor qualifica as mensagens veiculadas por celular ou por computador como mensagens instantâneas?

---

6. Como você escreveria um “torpedo” para informar a um amigo que não vai ser possível encontrar-se com ele, como haviam combinado?

---

---



## Recapitulando...

Este texto não está pontuado. Reescreva-o, colocando corretamente os sinais de pontuação e as letras maiúsculas necessárias.

Certo dia apareceu às portas da cidade um homem muito magro de barba branca e olhos verdes vestia roupa de muitas cores e não trazia outra bagagem além de uma flauta enfiada no cinturão o homem tocava como nunca se tinha visto naquela terra quem é este homem perguntavam as pessoas que magia o faz tocar assim o homem sorria e continuava a tocar por fim disse vim para vos libertar dos ratos posso levá-los com a minha flauta para onde eu quiser o responsável da cidade disse-lhe se fores capaz de fazer o que dizes dar-te-ei uma bolsa cheia de moedas de ouro aceito respondeu o homem

(Trecho de “O flautista de Hamelin, adaptado. In <http://www.scribd.com/doc/18949838/Pontuando-texto>)

---

---

---

---

Deve-se levar em conta o **caráter flexível** da pontuação. Nos casos em que o sentido fica preservado, pode-se considerar a pontuação uma questão de estilo.

## CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL

Quando estudamos na língua portuguesa a variação linguística, queremos mostrar duas características básicas da língua:

- a) a língua é heterogênea, ou seja, não existe uma forma única de se dizer e escrever as coisas;
- b) essas diferenças podem ocorrer na perspectiva do tempo (as gírias do século XXI não são as mesmas do século XX); na perspectiva da localização do jeito de falar (o carioca e o mineiro); no usos formal e informal da língua.

Ainda que existam formas diferentes de falar e de escrever, existe uma variante da língua denominada **padrão**.

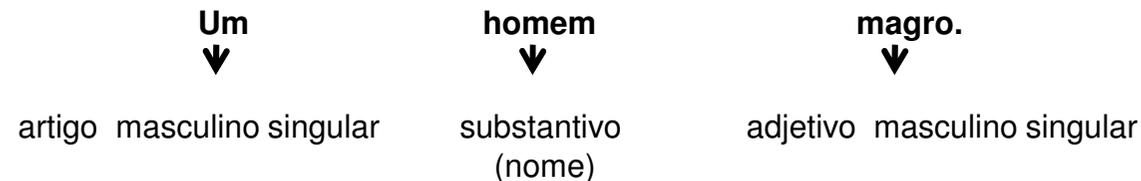
**Ela** deve ser estudada na escola e utilizada em situações formais do nosso cotidiano.

Esta língua padrão tem regras. Uma dessas regras é conhecida como concordância.

A concordância pode ser nominal e verbal, ou seja, concordância do nome/nome ou do verbo/nome.

### CONCORDÂNCIA NOMINAL

Vejamos um exemplo:



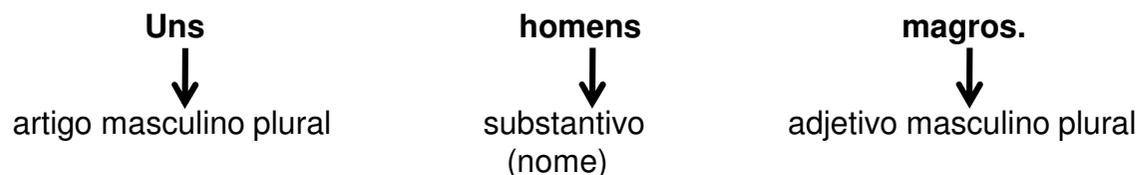
Observamos que o artigo e o adjetivo concordam com o substantivo (**nome**).

Daí o termo **concordância nominal**.

CONCORDAM EM **GÊNERO**: MASCULINO.

CONCORDAM EM **NÚMERO**: SINGULAR.

Veja o mesmo exemplo, concordando em número (plural) com o substantivo **homens**.



O mesmo exemplo, concordando em número (plural) com o substantivo **homens**.

É muito comum o falante da língua portuguesa, em diferentes situações, “burlar” as regras de concordância.

Você já deve ter ouvido falar: “*Minhas flauta; muitas bolsa nova; blusas bonita; os homem*”.

Essas formas de dizer correspondem a uma variante da língua portuguesa, que não atende às regras da denominada língua padrão.

Analise as diferenças nos termos abaixo. A seguir, identifique a variante padrão e a não padrão:

- a) minhas flauta: \_\_\_\_\_
- b) muitas bolsa nova: \_\_\_\_\_
- c) blusas bonita: \_\_\_\_\_
- d) os homem: \_\_\_\_\_

## CONCORDÂNCIA VERBAL

Assim como os nomes concordam entre si em gênero (masculino e feminino) e número (singular ou plural), há uma regra básica, na língua portuguesa, que o verbo concorda com o nome a que se refere em número (singular ou plural) e pessoa (1ª- Eu/Nós 2ª Tu/Vós 3ª Ele/Eles).

Vamos voltar ao texto “O flautista de Hamelin”.

Os verbos e os nomes em negrito são exemplos de concordância verbal, de acordo com a língua padrão.

Observe que, em alguns exemplos, o verbo sozinho já traz a marca da pessoa a que se refere: posso (eu); fores (tu).

Isto significa que o verbo pode concordar com o nome (substantivo) ou pronome (**eu** e **tu**).

Vamos, então, encontrar o termo que concorda com o **verbo** (em número).

a) **Apareceu** às portas da cidade um homem muito magro, de barba branca e olhos verdes.

b) **Vestia** roupa de muitas cores . \_\_\_\_\_

c) Não **trazia** outra bagagem. \_\_\_\_\_

d) O homem **tocava** como nunca . \_\_\_\_\_

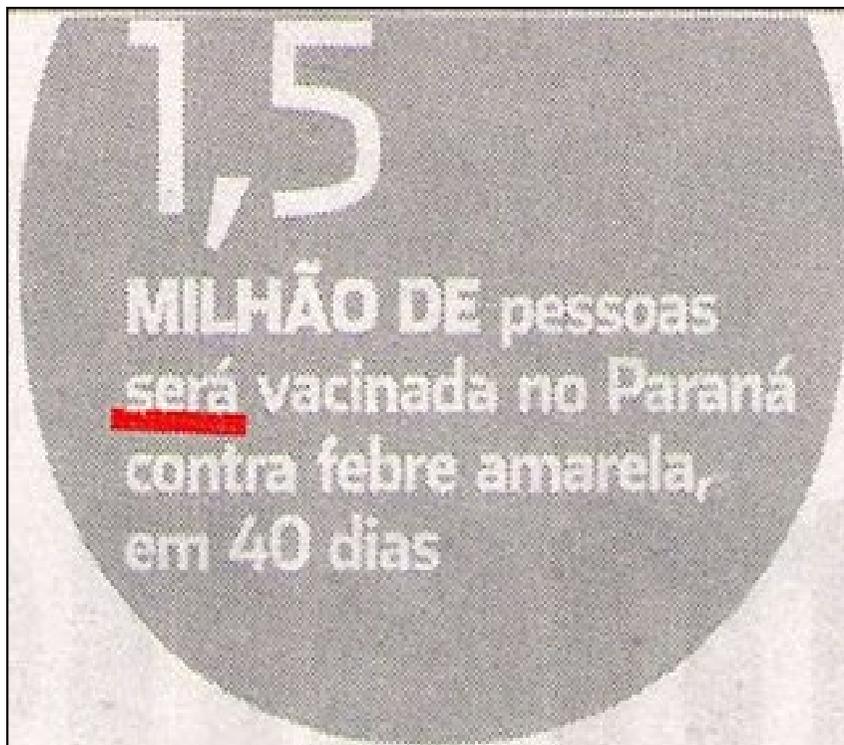
e) **Perguntavam** as pessoas. \_\_\_\_\_

f) O homem **sorria** . \_\_\_\_\_

g) **Vim** para vos libertar dos ratos. \_\_\_\_\_

h) **Respondeu** o homem. \_\_\_\_\_

1- Leia a propaganda abaixo.



mirandoamidia.blogspot.com

Junto com sua turma, você vai discutir o registro linguístico da manchete ao lado, reconhecendo por que o verbo está sublinhado.

a) Após a discussão, você deverá reescrever a propaganda, de acordo com o padrão culto da língua.

---

---

---

---

---

b) Explique a diferença do texto da propaganda e a sua reescrita, considerando a explicação do conteúdo apresentado sobre **concordância**.

---

---

---

---

---

Leia com atenção esta primeira estrofe de um poema de Ferreira Gullar. Observe a mudança da forma verbal **cabe** (versos 2 e 4 ) para **cabem** (verso 5).

### Não há vagas

O preço do feijão  
não cabe no poema. O preço  
do arroz  
não cabe no poema.  
Não cabem no poema o gás  
a luz o telefone  
a sonegação  
do leite  
da carne  
do açúcar  
do pão.

(...)

GULLAR, Ferreira. *Poesia completa, teatro e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

Você percebeu que o eu poético precisou adequar a forma do verbo *caber*, tendo em vista aquilo que ele quis dizer. Explique essa adequação, segundo a regra geral de concordância verbal que vimos anteriormente.

---

---

---

---

Vamos a um trecho da canção “Música Urbana”, do Capital Inicial:

“Tudo errado, mas tudo bem.  
Tudo quase sempre como  
eu sempre quis.  
Sai da minha frente, que  
agora eu quero ver.  
**Não me importam**  
**os seus atos,**  
eu não sou mais  
um desesperado.  
Se eu ando por  
ruas quase escuras,  
**as ruas passam.**”

Explique a concordância das expressões **sublinhadas**.

---

---

---

---

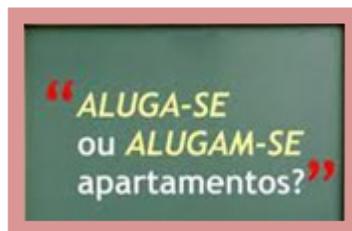
---

Identifique as relações de concordância verbal no texto. A seguir, diga se estão de acordo com a língua padrão. Caso não estejam, reescreva os textos de acordo com o padrão culto da língua. Explique os motivos da mudança.



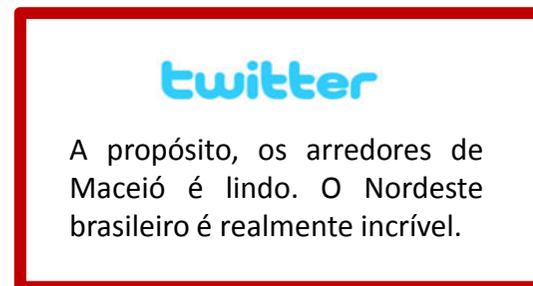
leituraliteraria.blogspot.com

---



lilinguaportuguesa.blogspot.com

---



objetivandodisponibilizar.com.br

---

Aluno(a), procure em revistas, jornais, propagandas de rua, outros exemplos de textos que apresentem diferenças no uso da norma culta da língua. Peça ao seu/sua **PROFESSOR/A** para apresentar aos seus colegas de turma.

Leia, agora, este belo texto de Carlos Drummond de Andrade

### Furto de flor

Furtei uma flor daquele jardim. O porteiro do edifício cochilava e eu, de repente, furtei a flor.

Trouxe-a para casa e coloquei-a no copo com água. Logo senti que ela não estava feliz. O copo destina-se a beber, e flor não é para ser bebida.

Passei-a para o vaso, e notei que ela me agradecia, revelando um pouco melhor sua delicada composição. Quantas novidades há numa flor se a contemplarmos bem!

Sendo o autor do furto, assumira a obrigação de conservá-la. Renovei a água do vaso, mas a flor empalidecia. Temi por sua vida. Não adiantava restituí-la ao jardim, nem apelar para o médico das flores. Eu a furtara, eu a via morrer.

Já murcha e com a cor particular da morte, peguei-a docemente e fui depositá-la no jardim onde desabrochava. O porteiro estava atento e repreendeu-me:

– Que ideia a sua, vir jogar lixo de sua casa neste jardim!

(Carlos Drummond de Andrade, em *Contos Plausíveis*. Editora José Olympio)

1. Imagine como seria se o narrador tivesse furtado **flores** em vez de **uma flor**. A partir disso, reescreva os dois primeiros parágrafos, atento aos aspectos de concordância nominal e verbal.

---



---



---

2. Podemos considerar que o texto de CDA está em consonância com as regras da norma culta da língua portuguesa? Retire do texto um exemplo significativo.

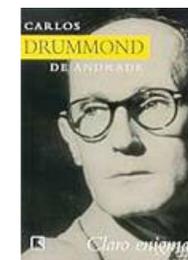
---



---



---



planetanews.com